

**PINCELADAS DE ESCRITA ACERCA DE UMA OFICINA
TERAPEUTICA DE ARTE E EXPRESSÃO**



Priscila Pellin D'avila

Orientadora: Profa.Dra.Károl Veiga Cabral

Porto Alegre, 10 de janeiro de 2012

Recomendação: Sugere-se a leitura desse texto ao som da trilha sonora do filme "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain", disponibilizado neste CD.

* Todas as fotografias são de autoria de Priscila Pellin D'avila, exceto o registro da capa, de Heloísa Germany e Roberson Rosa dos Santos.

** Foram utilizados nomes fictícios para designar todos os usuários envolvidos no texto.

1. Introdução

Neste texto pretendo traçar algumas pinceladas de escrita sobre os vestígios de intensidades que marcaram uma experiência vivida numa Oficina Terapêutica de Arte e Expressão com o foco na corporeidade. Desenvolvi essa oficina num Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS) onde trabalhei durante dois anos – 2010 e 2011. Apostando no cuidado e na arte enquanto canal terapêutico, a Oficina de Expressão tinha a proposta de instalar diversas atividades com caráter predominantemente expressivo, tais como: expressão corporal, relaxamento, representações mímicas, música, fotografia, vídeo, entre outros. Atualmente essa oficina continua existindo, mas agora vem sendo realizada por outros profissionais do CAPS.

Esse projeto foi construído a partir do meu desejo, junto ao desejo de três residentes em Saúde Mental e Coletiva da UFRGS (uma atriz, uma psicóloga e uma artista visual) que tiveram passagem pela oficina em tempos diferentes. A oficina foi se transformando conforme iam mudando as parcerias, mas o essencial sempre se mantinha, o que consistia, sinteticamente, em disponibilizar para os usuários do serviço dispositivos para deixar fluir e dar suporte à criatividade e às formas de expressão em todos seus matizes e roupagens.

Utilizarei como metáfora deste texto a imagem de “pinceladas”, pois quero expressar em palavras os traços, os borrões, as marcas que essa experiência deixou impressa nos corpos que por ela tiveram passagem. Para ilustrar ainda mais a idéia de pinceladas, sugiro a imagem das telas de Pollock (1912, 1956). Numa outra oficina (de artes) mediada pela colega e parceira de oficina (de expressão), os mesmos usuários produziram um painel inspirados nas telas deste

artista. Essa imagem foi gentilmente cedida para ilustrar a capa desse trabalho.

E porque escolher o estilo de Pollock como inspiração para as pinceladas deste texto? Além da estética de “pinceladas” com o aspecto de borrões que se visualiza em suas telas, Pollock foi um artista polêmico, perturbador, inquieto e irreverente, cuja vida tumultuada acabou marcando profundamente a história da arte moderna. Entre a pintura e o jazz, Pollock viveu emoções que o levaram do êxtase à depressão. A pintura de Pollock parece-nos um convite à própria expressividade do corpo, sua performance, gestualidades, seus estados de pertencimento e transbordamento.

Os participantes da Oficina de Expressão, em suas vidas, também conjugam alguns atributos citados na biografia desse artista. Entretanto, a inquietação desses corpos não tem sua origem a partir da nostalgia de uma significação total do mundo, mas remete para uma inquietação em que o sentido nem sempre está acessível às palavras reconhecidas. Na maioria das vezes, o vivido e os afetos que se perpassam por essas vidas não ganham a forma de palavras e nem sempre conseguem tomar corpo pela fala, precisam de outras vias para se expressar.

Início o texto trazendo “pinceladas de história”. Chamo de pinceladas de história porque vou trazer apenas algumas metáforas e alguns poucos autores para compor a travessia teórica que balizou o trabalho da Oficina. Nesse começo pretendo retomar as marcas históricas que alguns autores deixaram na nossa civilização e na relação que construímos com a corporeidade.

Em seguida, ilustrarei algumas “pinceladas de vidas”. Nesse momento irei versar sobre as vidas que tiveram passagem na Oficina de Expressão e deixaram as suas marcas, fazendo, assim, a história desse trabalho.

No último momento desenharei as “pinceladas da oficina”, trazendo cenas de situações vividas naquelas tardes de terça-feira que aconteciam geralmente ao som da trilha sonora do filme “O Fabuloso Destino de Amélie Poulain”. Importante ressaltar que essa Oficina acontece fora das instalações do CAPS. Construimos uma parceria com a Secretaria de Cultura do município que nos cedeu uma sala ampla e agradável. Dessa forma, finalizo este texto produzido por pinceladas de uma escrita afetada pelo trabalho vivenciado na Oficina de Expressão.

2. Pinceladas de história

Por que será que sentimos tanto a necessidade de historicizar? Não seria o suficiente começar pelo atual. Pelo que está sendo vivido no presente? Não consigo. Preciso trazer algumas pinceladas sobre a história da civilização ocidental, sobre aquilo que se passou e contribuiu para constituir o que somos e a relação que temos com o corpo.

Além de querer conversar com o leitor sobre o que baliza teoricamente esse trabalho, quero, eu mesma, reunir e organizar o apanhado teórico que propiciou a construção da Oficina de Expressão, sobretudo no que diz respeito às possibilidades de empreendimento nas relações em que o sujeito é capaz de agenciar com a corporeidade.

A primeira pincelada faz referência ao mito da caverna de Platão e os seus reflexos para a concepção de uma forma de pensar a constituição do homem. Este mito pretende fazer aflorar uma reflexão acerca da instrução e da ignorância. O cenário se dá a partir da imagem de uma estranha civilização que vive acorrentada dentro de uma caverna, numa morada subterrânea, em que toda a largura tem uma entrada aberta para a luz. Eles estão ali presos desde a infância,

de costas para abertura, sem conseguir olhá-la. Fora da caverna existe um fogo que a ilumina, e diante do fogo outros homens que perambulam por ali com objetos. Essa cena produz sombras cambiantes na parede interna da caverna, formando a única imagem vista pelos prisioneiros. O texto diz que esses prisioneiros se assemelham a nós e lança algumas questões: Será que não tomam como reais as sombras que assistem? E se um deles se libertar, ao retornar e contar o que viu lá fora, como será que os companheiros que se mantiveram acorrentados receberão essa novidade?

Esse mito ilustra o pensamento de Platão. Para Platão, há dois mundos possíveis. Um é o mundo sensível. Mundo dos fenômenos, da multiplicidade, do movimento, acessível aos sentidos. Esse mundo é ilusório, pura sombra do verdadeiro mundo. O outro mundo, o das idéias, está acima do mundo sensível. Esse é o mundo das essências imutáveis que o homem atinge pela contemplação e pela depuração dos enganos dos sentidos. Essas idéias gerais são hierarquizadas, e no topo delas está a idéia do Bem. Platão supõe que os homens já teriam vivido como puro espírito quando contemplaram o mundo das idéias. Ao decair se aprisionaram em um corpo.

Em relação ao platonismo, Alfredo Naffah Neto (1991, p. 16) enfatiza:

(...) o mundo empírico, mutante e imperfeito, era hierarquizado segundo graus de verossimilhança com as forças ideais, postas como primitivas, conseguindo-se, desta forma, um princípio racional transcendente capaz de disciplinar a realidade e esconjurar a multiplicidade, o acaso, o devir. O mundo trágico dava lugar a um outro, domesticado pela razão.

Sem se situar muito distante ao platonismo, na era moderna, Descartes marca o nosso ser a partir de uma cisão. Representante do

pensamento hegemônico da modernidade, com seu notório axioma: “penso, logo existo” sintetiza a base e o fundamento de toda sua teoria. O “eu” cartesiano é puro pensamento, uma *res cogitans* (um ser pensante), que coloca em questão a realidade do corpo (*res extensa*). Ele estabelece o caráter originário do pensamento como auto-evidência do sujeito. Partindo do cogito pode-se descobrir todas as verdades possíveis. Dessa forma, acentua o caráter absoluto da razão.

A consequência é o clássico dualismo corpo-mente. Homem cindido, dividido, rachado. Com isso a corporeidade se reduziu ao registro da matéria e o espírito, ao do pensamento e linguagem. Assim, constituiu-se um estilo de pensamento desencorpado que marca a tradição teórica ocidental na modernidade.

Platão e Descartes são os mais proeminentes dualistas da tradição metafísica ocidental. Ambos os filósofos concordam ao afirmar que nós nos constituímos em uma “mente” ou “alma” incorpórea que se encontra de alguma forma unida a um corpo que faz parte do mundo físico, e ambos identificam o “eu” com a porção não-física deste conjunto – sendo o corpo pouca coisa além de um obstáculo que prejudica a apreensão da realidade.

Seguindo esse legado, o cristianismo também afirma em sua doutrina a desvalorização do corpóreo em privilégio da alma. O cristianismo dá continuidade ao pensamento metafísico pelo caminho da religião. Promove a manutenção da concepção corpo versus alma. Fica evidente o lugar desqualificado em que o corpo é colocado. Essa desvalorização do corpo e do sensível, a partir da metafísica e do cristianismo, nos deixa respingos até hoje.

Contrariando os clássicos dualistas da história, Spinoza (2010) afirmou que “a mente e o corpo são uma só e mesma coisa, a qual é concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão”.

Nietzsche, conjugando com muitas das concepções de Spinoza, subverte toda a tradição religiosa e a metafísica ocidental, ilustradas aqui nesse texto em apenas algumas pinceladas acerca do pensamento de Platão e Descartes, ao declarar que a unidade da consciência, o mundo das idéias ou o cogito não constitui o núcleo da subjetividade. O filósofo afirma que tomar consciência de si é, ao mesmo tempo, perder-se de si mesmo.

Tudo o que entra na consciência como 'unidade' é já imensamente complicado: temos sempre somente uma aparência de unidade. O fenômeno do corpo é o fenômeno mais rico, mais claro, mais compreensível: deve ser posto metodicamente em primazia, sem que descubramos algo sobre seu significado último. (NIETZSCHE, 2008, p. 258)

A passagem mais linda em que Nietzsche (2002, p.25) versa sobre a relação do homem com o corpo é através do seu Zarathustra e merece (ou faz jus) ser reproduzido aqui por completo:

"Dos que menosprezam o corpo

Aos que menosprezam o corpo quero expor a minha opinião. O que deve fazer não é mudar de regras, porém simplesmente dizerem adeus ao seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos.

'Eu sou corpo e alma' – assim diz a criança. – E porque se não há de falar como as crianças?

Porém o que está desperto e atento diz: - 'Tudo é corpo e nada mais; a alma é simplesmente o nome de qualquer coisa do corpo'.

O corpo é uma razão em ponto grande, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.

Instrumento do seu corpo é também a sua razão pequena, a que você denomina espírito: um instrumentozinho e um brinquedozinho da sua grande razão.

Você diz 'Eu' e orgulha-se dessa palavra. Porém, maior – coisa em que você não quer - é o seu corpo e a sua grande razão. Ele não diz Eu, mas sim: procede como Eu.

O que os sentidos prezam, o que o espírito conhece, nunca em si tem seu fim; contudo os sentidos e o espírito desejariam convencê-lo de que são fim e tudo; tão orgulhosos são.

Os sentidos e o espírito são instrumentos e joguetes; por detrás deles encontra-se o nosso próprio ser. Ele esmiúça com os olhos dos sentidos e ouve com os olhos do espírito.

Sempre ouve e esmiúça o próprio ser: combina, submete, conquista e destrói.

Reina, e é também o soberano do Eu.

Por detrás dos seus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se 'eu sou'. Habita no seu corpo; é o seu corpo.

Há mais razão no seu corpo do que na sua melhor sabedoria. E quem sabe para que necessitará o seu corpo precisamente da sua melhor sabedoria?

O próprio ser sorri do seu Eu e dos seus saltos arrogantes. Que significam para mim esses saltos e vôos do pensamento? – diz. Um meandro para o meu fim. Eu sou o guia do Eu e o inspirador de suas idéias.

O nosso próprio ser diz ao Eu: 'Prove dores! E sofre e medita para não sofrer mais; e para isso deve pensar'.

O nosso próprio ser diz ao Eu: 'Prove alegrias!' regozija-se então e pensa em continuar a rejubilar-se freqüentemente; e para isso deve pensar.

Quero dizer uma coisa aos que menosprezam o corpo: desprezam aquilo a que devem a sua estima. Quem criou a estima e o desprezo, o valor e a vontade?

O próprio ser criador criou sua estima e seu desprezo, criou sua alegria e sua dor. O corpo criador criou para si mesmo o espírito como procedência da sua vontade.

Menosprezadores do corpo: até na vossa parvoíce e no vosso desprezo sereis o vosso próprio ser. Eu vos digo: o vosso próprio ser quer morrer e se afasta da vida.

Não pode fazer o que mais desejaria: criar, suplantando-se a si mesmo. É isto o que ele mais anela; é esta toda a sua paixão.

É, todavia, tarde demais para isso: de forma que até o vosso próprio ser deseja desaparecer, desdenhadores do corpo.

O vosso próprio ser deseja desaparecer: por isso menosprezais o corpo! Porque não podeis criar já, suplantando-vos a vós mesmos.

Por isso vos rebelais contra a vida e a terra. No olhar oblíquo do vosso desdém transparece uma inveja inconsciente.

Eu não sigo o vosso caminho, menosprezadores do corpo! Vóis, para mim não sois pontes que se dirigem para o super-homem!

Assim falava Zaratustra”.

Oswaldo Giacóia Junior (2001), no ensaio “Nietzsche como psicólogo”, retoma porque o filósofo se autodenominava o primeiro

psicólogo da Europa. A novidade de seu próprio pensamento é um dos motivos fundamentais que fizeram Nietzsche se proclamar como o primeiro psicólogo. Sendo a psicologia da época uma psicologia fundamentalmente racional que equiparava o psíquico ao consciente, estando, assim, em sintonia com a tradição filosófica moderna, o empreendimento nietzscheano consistia, no essencial, em destruir as pilastras metafísicas sobre as quais se assentavam as bases teóricas do conhecimento. Nietzsche se propõe estabelecer novos fundamentos nos quais a subjetividade possa ser pensada a partir de uma psicologia liberta dos preconceitos metafísicos e morais aos quais se mantinha ligada.

De acordo com Giacóia (2001, p.26) o paradigma da psicologia nietzscheana é dado pelo:

(...)corpo e pelos impulsos – a grande razão – de que a consciência constitui a fachada e a superfície simplificadora. Essa é a concepção filosófica que está na raiz da doutrina do perspectivismo, entendida como inversão do platonismo e superação da crítica tradicional do conhecimento. Por sua vez, é o perspectivismo que fornece a base epistemológica para uma intervenção global do mundo centrada no conceito de vontade de poder, que, enfim, superaria o pensamento metafísico originado em Platão e constituiria o resultado final do projeto crítico-genealógico de Nietzsche.

Giacóia complementa lembrando que essa constatação não era uma invenção de Nietzsche. Também em Freud, com a psicanálise e a concepção do conceito de inconsciente, evidencia-se uma crítica em relação à limitação da psicologia clássica.

Conforme Joel Birman (2007), em psicanálise a problemática do corpo nunca foi uma temática simples e consensual. A questão do

corpóreo foi palco de diferentes controvérsias e mal-entendidos ao longo da história da psicanálise.

Freud (1923) na sua segunda tópica, ao repensar a teoria das pulsões, teceu conceitos novos para tratar, inclusive, a questão do corpo. Freud atravessou seu percurso teórico perpassando por dois caminhos epistemológicos que se marcaram num contraponto. Numa primeira trajetória (primeira tópica) Freud ainda estava conectado com os ideais cientificistas do Iluminismo. Nesse tempo Freud acreditava numa harmonia possível entre os registros do sujeito e do social. A psicanálise tinha o propósito de se adequar ao discurso da ciência, em que seria possível encontrar uma cura para as doenças psíquicas.

No cotidiano de sua experiência clínica, Freud percebeu que esse ideal não correspondia ao que se operava em seus pacientes. A partir da introdução do conceito de pulsão de morte o discurso freudiano se desgarrou do ideal cientificista – promovendo o luto trágico de não pretender mais ser uma ciência – e se articulou numa transformação epistemológica capaz de constituir uma leitura crítica e radical do mal-estar na modernidade.

Com a introdução do conceito de pulsão de morte, Freud admite a existência de uma modalidade de pulsão sem representação que não se inscreve no circuito de satisfação pela mediação de um objeto. Aceitar a existência desse tipo de pulsão significa admitir e se permitir pensar na posição do sujeito em sua condição de desamparo. Conseguir permanecer e suportar a dor provocada pela posição de desamparo é o grande desafio colocado ao sujeito. Porém, colocado nessa posição limite, entre a vida e a morte, o sujeito pode constituir efetivas possibilidades de sublimação e criação, pela construção de uma forma singular de existência e de um estilo próprio para habitar seu ser.

De acordo com Birman (2007, p.36):

A afirmação sobre o desamparo do sujeito indica o ponto de chegada do discurso freudiano. Foi com esse enunciado conciso que Freud delineou a posição de fragilidade estrutural do sujeito, ao relacionar este à sua corporeidade, às ameaças da natureza e aos horrores gerados nas relações ambivalentes com os outros. Essa formulação sobre o desamparo condensa a totalidade do discurso freudiano anterior, sendo a inflexão máxima da descoberta psicanalítica. Seria porque os homens são frágeis, finitos e mortais que eles precisam criar todos os artifícios para o tamponamento daquelas marcas.

Todo esse remanejamento conceitual é fundamental para que se possa conceber a idéia de um corpo tecido nas encruzilhadas dos destinos pulsionais. No ensaio de 1923, "O ego e o id", Freud afirma veementemente que o ego é "primeiro e acima de tudo, um ego corporal". Nas palavras de Freud:

O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à idéia de nosso corpo. O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.

Ao contrário do que se poderia ingenuamente pensar, o corpo é antes de tudo destino, um conjunto de marcas impressas pela inflexão promovida pelo Outro. A construção do eu corporal remete à transformação das forças pulsionais a partir do Outro. Dessa forma, a concepção de corpo em psicanálise não se identifica com o conceito de organismo ou de somático. No discurso psicanalítico o corpo é erógeno. O corpo é regulado pelos destinos das pulsões e do desejo. É nesse sentido que o eu foi concebido como sendo corporal e como projeção de uma superfície. A força pulsional e o Outro estariam, pois, na origem, indicando então o registro do originário em psicanálise.

Partindo das reflexões acerca do mal-estar da atualidade conforme nos aponta Joel Birman (2007), podemos depreciar que na atualidade o autocentramento do sujeito no eu assume formas inéditas se considerarmos a tradição ocidental do individualismo iniciada no século XVII. Nos primórdios da modernidade, a subjetividade se constituía pelas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, a subjetividade na atualidade se constitui de maneira paradoxal entre o autocentramento e o valor de exterioridade. Com isso, se assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e na mídia passa a ocupar uma posição estratégica na economia psíquica. Nesse contexto as propostas terapêuticas que prometem uma solução rápida e eficaz para que o sujeito possa fazer parte do espetáculo demandado pelo social são as alternativas procuradas pela maioria. Inserido nesse contexto, o sujeito procura formas de eliminar qualquer registro que o coloque na evidência do seu lugar constitutivo de desamparo. Conforme Birman (2007, p. 197):

Nesse contexto, as drogas são ofertadas em larga escala pela medicina e pela psiquiatria para apaziguar a desesperança e os gritos de terror que solapam as subjetividades. Com a psicofarmacologia e as neurociências, a maciça medicalização do sofrimento no Ocidente, que caracterizou a modernidade, atinge níveis de barbárie.

No artigo recentemente publicado na Revista Piauí¹, nos deparamos com alarmantes informações acerca dos efeitos da medicalização desenfreada que evidenciamos na atualidade. Neste artigo a autora explicita dados de pesquisas contidos nos trabalhos de três autores:

Os livros de Irving Kirsch, Robert Whitaker e Daniel Carlat são acusações enérgicas ao modo como a psiquiatria é praticada hoje em dia. Eles documentam o “frenesi” do diagnóstico, o uso excessivo de medicamentos com efeitos colaterais devastadores e os conflitos de interesse generalizados. (...) Se soubéssemos que os benefícios das drogas psicoativas superam seus danos, isso seria um argumento forte, uma vez que não há dúvida de que muitas pessoas sofrem gravemente com doenças mentais. Mas como Kirsch, Whitaker e Carlat argumentam, essa expectativa pode estar errada.

Conforme alerta a autora, precisamos parar de pensar que as drogas psicoativas são o melhor e, muitas vezes, o único tratamento para as doenças mentais. Tanto a psicoterapia como os exercícios físicos têm se mostrado tão eficazes quanto os medicamentos para doenças como a depressão, e seus efeitos são mais duradouros.

Michael Foucault (1997) em sua obra examina minuciosamente os reflexos do poder psiquiátrico no social. Foucault propõe uma

¹ M. Angell, “A epidemia de doença mental”, 2011. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-59/questoes-medico-farmacologicas/a-epidemia-de-doenca-mental>. Acessado em 10 de janeiro de 2012.

concepção de sujeito como um ser constituído a partir do efeito de uma trama de poderes que se exercem sobre o corpo.

O corpo traz consigo, em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza, a sanção de todo erro e de toda verdade como ele traz também e inversamente sua origem – proveniência. (...) sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault faz uma análise acerca da vigilância e da punição, assim como das relações de poder que se estabelecem em instituições como prisões, hospitais e escolas. O autor evidencia o efeito que a disciplinarização exerce nos corpos. Entende como disciplinas, “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (1997, p. 133).

Atualmente, com o movimento da Reforma Psiquiátrica, luta-se para desinstitucionalizar a loucura para além dos muros dos manicômios. Entretanto, na cidade visivelmente também se observa a vida presa a um controle de padrão de normalidade que se exerce a partir de uma disciplina velada pelo social. Para além das instituições totais, o processo de disciplinarização dos corpos deixa suas marcas em todos.

O processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil inicia a partir dos anos 70. Esse processo compreende algo muito maior que a aprovação de novas leis e normas. A Reforma Psiquiátrica é um processo político e social complexo, composto de diversos atores e

instituições que incidem em territórios diversos. Compreendida como um conjunto de transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais, é no cotidiano das vidas que o processo da Reforma avança, marcado por impasses, tensões, conflitos e desafios.

Os CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial) constituem a principal estratégia do processo da Reforma Psiquiátrica enquanto serviços substitutivos aos manicômios. Constitui-se como um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais graves, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida.

Considero pertinente, após aproximadamente 25 anos de existência dos CAPS, problematizar e refletir acerca das metodologias e práticas de cuidado existentes nesses serviços. As Oficinas Terapêuticas se apresentam como potentes dispositivos de cuidado no universo de dispositivos terapêuticos oferecidos nos CAPS. Segundo Talleberg (2005), as Oficinas tratam sobre tudo de uma ação inclusora. São dispositivos privilegiados, devido a sua própria maneira de produção ser mais ampla, flexível, fluida, capaz de acolher diferentes formas de ser e estar no mundo, compondo e afirmando movimentos de singularização.

Considero pertinente os diversos trabalhos realizados em Oficinas, e penso que esses dispositivos deveriam ser mais estudados enquanto potentes dispositivos de cuidado em saúde mental. Neste texto o foco mira para o trabalho da Oficina Terapêutica de Arte e Expressão no qual propomos um rompimento da concepção dualista que desvaloriza o corpo e dos tensionamentos provocados pela disciplinarização dos corpos. Tentamos trazer todas as atividades para a busca de uma vivência a partir de outra concepção de corpo, contando com dispositivos de aproximação e conhecimento do próprio

corpo. Nestas pinceladas de história retratamos alguns dos contornos teóricos que nos ajudaram a desenhar os formatos e os acontecimentos vividos nessa Oficina.

3. Pinceladas de vidas

Após essas pinceladas de história, que trouxeram os rastros deixados por alguns autores escolhidos, apresento agora a história de alguns personagens reais, com vidas não tão notórias como as dos autores citados acima, mas nem por isso menos importantes. Foram muitas as vidas que tiveram passagem na Oficina Terapêutica de Arte e Expressão. Deixaram suas marcas e tornaram visíveis as marcas que essa experiência foi capaz de produzir.

Amo bastante a palavra 'experiência', cuja origem diz algo da travessia, mas uma travessia com o corpo, de um espaço que não é dado antecipadamente mas que se abre a medida em que se avança [...] o testemunho que dá sentido e faz ver, que permite à coisa reaparecer. (DERRIDA apud VILELA, 2009, p.333)

Não é fácil escrever sobre uma vida que se aproximou da nossa. Segundo Bedin² o que se registra "não é a verdade desta vida, mas a verdade de um encontro com esta vida". O autor, ao versar acerca das possíveis estratégias de escrita sobre uma vida, conduz o nosso olhar para aquilo que nem sempre é uma evidência. Olhar para essa vida que vem ao encontro da nossa voltando-se "para aquilo que é mais comum, para o potente que se entranha no ordinário, para as imprecisões do rosto, uma espécie de etnologia do minúsculo". Pretendo fazer uma escrita das vidas que tiveram passagem pela Oficina de Expressão partindo dessa inspiração. Traçando os

² L. Bedin, Estratégias Biográficas, biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller, Porto Alegre, Editora Sulina, 2011.

detalhes, focando os zoons dos acontecimentos e as peculiaridades que essas vidas produziram na minha.

O líquido que não deságua ou a Impossibilidade de cachoeira

Maria iniciou a oficina sustentando imenso silêncio. Olhar distante. Corpo inflexível, rígido, quase impossível de desaguar. Sua fala sempre monossilábica, tímida e quase inaudível. Aos poucos, mesmo em silêncio, foi trazendo o olhar para nós. Foi permitindo que seu corpo experimentasse o relaxamento e outros desdobramentos. Foi se experimentando num tom mais alto, se deixando dançar e se divertindo com nosso pedido para entrar no jogo e brincar.

Winnicott (1971) no livro "O Brincar e a Realidade", dedicou-se intensamente sobre a temática do brincar. Ele afirmava que existia algo sobre o brincar que ainda não havia encontrado lugar na literatura psicanalítica. Tratou o brincar como uma experiência criativa, uma experiência de continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver.

A importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança. (1971, p. 71)

Maria, com o seu ritmo e no seu tempo, foi se permitindo entrar na brincadeira instaurada na Oficina de Expressão. Um dia presenciamos Maria chegar. Ela não estava chegando à Oficina. Ela estava entrando no CAPS. E diferentemente da sua postura usual e

endurecida, de um corpo presente com ausência, da fala calada, do olhar distante; Maria olha a todos e diz em alto e bom tom: Bom dia!

Algo aconteceu – pensamos. Parece que o rígido começava a encontrar alguma possibilidade em se liquefazer.

Coador de Café

Jerônimo, ao falar uma palavra sobre aquela tarde na Oficina de Expressão, diz: - Coador de café! Outras palavras do grupo: alegria, felicidade, harmonia, troca, estar flutuando.

Coador de café! - que inusitado, pensamos. E ao mesmo tempo imaginamos essa cena do coador que filtra e transforma o pó de café. Falamos sobre o exercício de saber filtrar. Quando estamos passando/preparando o café, a borra fica do lado de cima do filtro, sendo posteriormente descartada porque é desagradável ao paladar, indigesta. Aproveitamos somente o líquido gostoso que se forma do encontro entre a água quente e o pó de café. Assim como o café preparado no coador de café, ressaltamos a importância de na vida aprendermos a saber filtrar e a dar passagem ao aprazível, àquilo que nos faz potente.

Atribuimos um sentido a algo inicialmente sem significado algum. Jerônimo é assim. Inspira-nos a pensar em algo poético para suas palavras aparentemente desconexas. Jerônimo me faz lembrar Manoel de Barros (2010) e sua “Matéria de Poesia” que trago aqui num fragmento escolhido:

*Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia.*

*O homem que possui um pente
e uma árvore
serve para poesia*

(...)

*As coisas que não levam a nada
têm grande importância
Cada coisa ordinária é um elemento de estima*

*Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral*

(...)

*As coisas que não pretendem, como
por exemplo: pedras que cheiram
água, homens que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia*

*Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros
serve para poesia.*

Um pássaro



Ela vem de um passado de violência no interior de uma cidade de outro estado. Ainda está lá. Seus agressores ainda estão com ela. Toda noite ela sonha cenas de maldade. E ela sempre tem que se submeter. Só consegue escapar quando alça vôo. Voa e se sente livre. Na Oficina de Expressão ela consegue aterrisar – fala isso para nós: “De noite vou de árvore em árvore, aqui eu abro as minhas asas no chão”, e se emociona (e nos emociona).

Clarice Lispector (1999, p.13) diria: “ISTO NÃO É UM LAMENTO, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranqüila. O beijo no rosto morto”.

Ana vive congelada naquele tempo. Ela poderia dizer, assim como a escritora que o tempo não existe.

O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas, mas o tempo em si não existe. Ou existe imutável e nele nos transladamos. O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então – para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa – eu cultivo um certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. (LISPECTOR, 1999, p. 14).

Da mesma forma que a personagem Ângela Pralini, criada por Clarice Lispector no livro “Um sopro de vida”, Ana não se conhece, e não tem em si própria uma imagem nítida. Há desconexão nela. Ela confunde em si o “para-mim” e o “de-mim”. Se ela não estivesse tão abismada e paralisada pelo seu existir, ver-se-ia também de fora para dentro – e descobriria que era uma pessoa voraz: come com um desregramento que beira a completa sofreguidão como se lhe tirassem a comida da boca.

Ana reluta a sair de sua cama. Ali enrolada em suas cobertas, permanece toda encoberta e acobertada. “O dia corre lá fora à toa e há abismos de silêncio em mim” – diria Ângela. (Lispector, 1999)

Ela nasceu num mundo rural. Entre árvores, riachos e exuberante natureza. Criou-se, cresceu e casou-se. Sempre foi maltratada por sua família. Pensou que casando e saindo de casa encontraria a paz. Enganou-se. As situações de abuso não só continuaram, como pioraram. O marido era grosseiro e violento com ela. Estabeleceram uma espécie de relação fundamentada em extremos amor e ódio. Sua sogra perversa a colocava na barbárie.

Traçarei um paralelo, promovendo alguns encontros entre falas e sentimentos de Ana, participante assídua da Oficina de Expressão, e Ângela Pralini. A escritora explica a invenção da personagem:

(...) vou ter que criar um personagem – mais ou menos como fazem os romancistas, e através da criação para conhecer. Porque eu sozinho não consigo: a solidão, a mesma que existe em cada um, me faz inventar. (...) Escolhi a mim e ao meu personagem – Ângela Pralini – para que talvez através de nós eu possa entender essa falta de definição da vida. (LISPECTOR, 1999).

Ana tem o olhar cor azul intenso, que ora brilha de emoção, ora molha e se derrete em lágrimas. Seu sorriso abafa sua dor. Cabelos vermelhos cor de sangue coagulado. Corpo bem desenhado em formas arredondadas. Já foi mais magra. Nos tempos em que não ingeria os remédios que ajudam o seu sorriso na tarefa do abafamento da dor.

Ângela tem um doce olhar adoidado; veludo úmido, pérolas mornas, mas castanhas e às vezes duras como duas nozes castanhas. Às vezes têm olhos como os de vaca que está sendo ordenhada. Olhos suados. (LISPECTOR, 1999).

À noite, Ana descansa sua insônia na sacada. Ângela diria:

Alcansei afinal o momento em que nada existe. Nem um carinho de mim para mim: a solidão é esta a do deserto. O vento como companhia. Ah, mas que frio escuro está fazendo. Cubro-me com a melancolia suave, e balanço-me daqui para lá, daqui para lá, daqui para lá. Assim. É! É assim mesmo. (LISPECTOR, 1999).

Ângela pensa assim como Ana poderia pensar.

(...) procuro me manter isolada contra a agonia de viver dos outros, e essa agonia que lhes parece um jogo de vida e morte mascara uma outra realidade, tão extraordinária essa verdade que os outros cairiam de espanto diante dela, como um escândalo. Enquanto isso, ora estudam, ora trabalham, ora amam, ora crescem, ora se afanam, ora se alegram, ora se entristecem. A vida

com letra maiúscula nada pode me dar porque vou confessar que também eu devo ter entrado por um beco sem saída como os outros. (LISPECTOR, 1999).

Ana por vezes encontra um riso no seu cotidiano. Ângela também:

Hoje varri o terraço das plantas. Como é bom mexer nas coisas deste mundo: nas folhas secas, no pólen das coisas (a poeira é filha das coisas). Meu cotidiano é enfeitado. (LISPECTOR, 1999).

Ana dança esse cotidiano na Oficina de Expressão.

Ela vive as diversas fases de um fato ou de um pensamento, mas no mais fundo do seu interior é extra-situacional e no mais fundo e inalcançável existe sem palavras, e é só uma atmosfera indizível, intransmissível, inexorável. Livre das velharias científicas e filosóficas. (LISPECTOR, 1999).

Ana aterrissa do seu vôo desesperado e abre as suas asas no chão da Oficina de Expressão. Finalizo nesse pouso as “pinceladas de vidas” ilustradas a partir de fragmentos da história de vida de três dos participantes da oficina chamados, aqui, de Maria, Jerônimo e Ana. Partiremos agora para as “pinceladas de oficina” no qual traçarei algumas cenas do cotidiano do trabalho da oficina.

4. Pinceladas de Oficinas

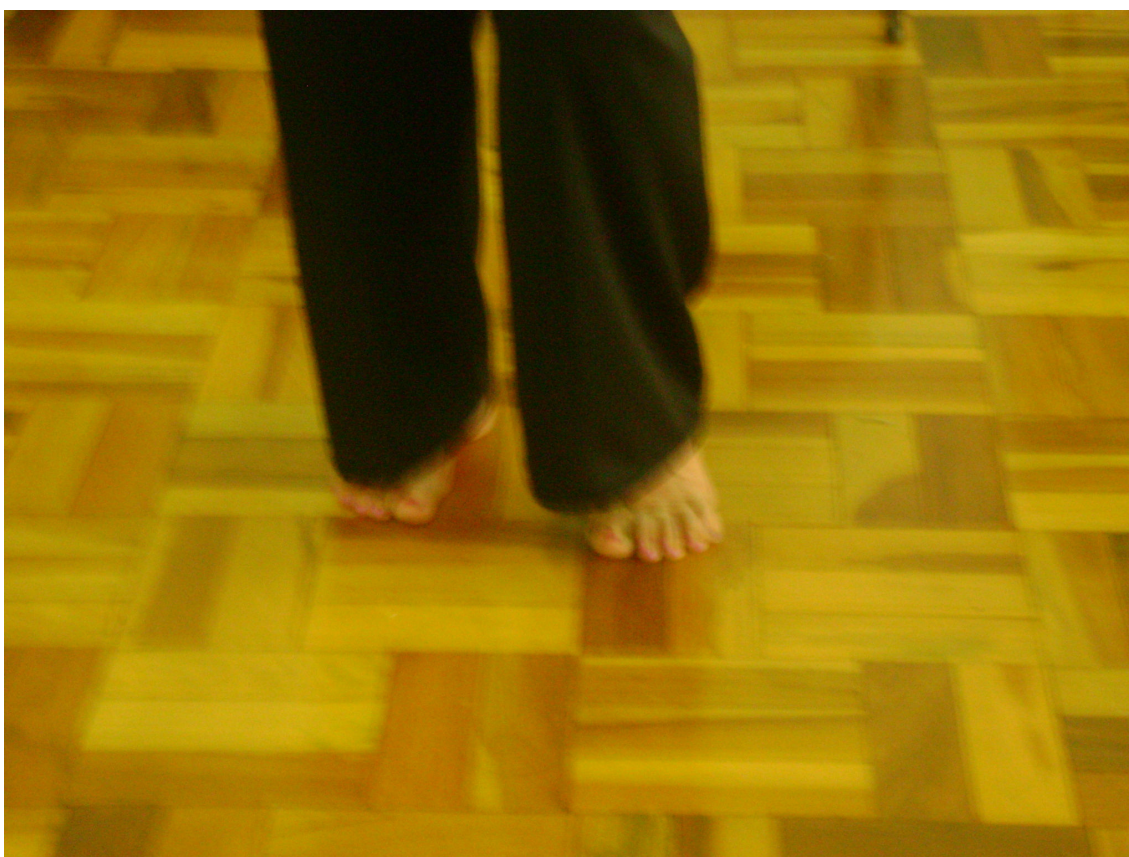
Antes de tudo, um respiro...



Iniciávamos sempre aquelas tardes de terça-feira em busca do relaxamento com os pés livres do incômodo dos calçados, com o corpo buscando o conforto do chão sob um colchonete, os olhos fechados, a música inspiradora e a atenção focada no ar que entra e preenche o interior do corpo e depois se retira provocando alívio. E voltar a repetir essa respiração concentrada, e repetir a respiração relaxada e repetir a respiração sossegada e repetir...

A vida não tem adjetivo. É uma mistura em cadinho estranho, mas que me dá em última análise, em respirar. E às vezes arfar. E às vezes mal poder respirar. É. Mas às vezes há também o profundo hausto de ar que até atinge o fino frio do espírito, preso ao corpo por enquanto. (LISPECTOR, 1999).

Dança Pessoal



O que viemos a nominar de dança pessoal surgiu espontaneamente a partir dos movimentos experimentados ao longo dos encontros realizados na Oficina de Expressão. Após o relaxamento pedíamos para os participantes irem se levantando aos poucos e sugeríamos o início de algum movimento focando em alguma parte do corpo. Iniciávamos geralmente pelos pés. Dançando somente com os pés, percebíamos que as outras partes do corpo inevitavelmente dançavam junto. Em roda, íamos passando a tarefa para cada um dos participantes de inventar um movimento a partir de alguma parte do seu corpo. Joelhos, ombros, cabeça, braços, e assim por diante. Cada um inventava seu movimento, e todos os outros deveriam imitar o movimento do colega. Finalizávamos essa brincadeira com o corpo bem mais flexível e solto. A partir daí,

iniciávamos uma dança livre, sentindo a melodia da música. Essa dança foi se tornando cada vez mais potente e singular. Linda. Surgiu a idéia de chamá-la de “dança pessoal”.

José Gil (2005, p. 14) diferencia o gesto comum do gesto dançado:

No gesto comum, o braço entra em movimento no espaço porque a ação impõe do exterior uma deslocação ao corpo; pelo contrário, no gesto dançado, o movimento, vindo do interior, leva consigo o braço. Movimento ritmado que ‘transporta’ o corpo, esse mesmo corpo que é seu suporte.

Percebemos assim a dança pessoal, como um gesto dançado e sem esforço. Não tem a maestria dos bailarinos profissionais, mas nem por isso é menos intensa e linda. Uma dança livre e singular.

Seria vão descrever o movimento dançado querendo apreender todo o seu sentido. Como se seu nexo pudesse ser traduzido inteiramente no plano da linguagem e do pensamento expresso por palavras. Restam-nos duas possibilidades: não pretendermos dizer tudo desse nexo – não porque ele encerre algum núcleo de sentido inefável, mas porque se diz de modo diferente da linguagem. (GIL, 2005)

Entre os corpos e a luz

O recurso da fotografia fez parte da Oficina de Expressão como um potente elemento capaz de atribuir visibilidade aos acontecimentos vividos. Num dia de festa junina, levei ao CAPS uma máquina fotográfica antiga e fizemos algumas experimentações fotográficas com os participantes. A estética da máquina chama a atenção por ser grande e ter uma lente semelhante às excelentes máquinas profissionais. Na verdade é uma máquina bem limitada, mas gosto de fazer fotos com ela, pois após a revelação surgem

sempre algumas surpresas: umas ótimas, outras nem tanto. No dia da festa os usuários ficaram empolgados com a presença da máquina e fizeram pose, um a um, para serem fotografados.

Conforme Vilela (2009, p.322-23):

Fotografar é, em si mesmo, um acontecimento. A fotografia parece permanecer para além do acontecimento fotografado, conferindo-lhe uma certa imortalidade e importância. Ainda que não possam criar uma posição ética, as fotografias podem colaborar no seu nascimento. [...] Contemplar determinadas fotografias pode constituir um acontecimento para o próprio sujeito, já que elas podem produzir um choque ao mostrarem o nunca visto. [...] A multiplicação contemporânea das imagens conduz-nos à necessidade de uma linha de demarcação entre imagens que ecoam e as imagens que apenas se acumulam. [...] As imagens fotográficas são relações com o mundo que vão se delineando como intensidades, através de uma tensão – entre os corpos e a luz – que indefine o espaço. Não se fotografa apenas para confirmar aquilo que aconteceu. O ato de fotografar é um reconhecimento da perda que habita todas as formas de repetição do real. O olhar é uma intensidade, assim como o silêncio. No limite, fotografa-se porque apenas se pode repetir o real sob a forma da perda. Conhecer o mundo é aceitar viver com a nitidez dessa perda.

O resultado das fotos tiradas na festa junina foi posteriormente apresentado na Oficina de Expressão. Vou ressaltar a interação de um usuário em especial com a máquina fotográfica.

Imagens que ecoam em Cláudio

Cláudio tem sempre uma postura muito apática, e geralmente quando é convidado para fazer alguma coisa, responde com um olhar

distante: - Não quero! No entanto, no decorrer da festa, diante da câmera seu olhar demonstrou um interesse curioso e eu, por um impulso, perguntei: - Você quer fazer fotos Cláudio? Seu olhar ficou ainda mais entusiasmado e respondeu: - Quero! Entendo que nesses pequenos detalhes podemos encontrar aberturas e novas possibilidades de potencia.

Assim como Cláudio, cada um dos usuários pôde, a sua maneira, reconhecer coisas nunca percebidas a partir das fotografias. Continuamos, ao longo da Oficina de Expressão, nos ocupando em realizar registros fotográficos das experiências vividas e de apresentá-los aos participantes de tempo em tempo.

O cuidado de si e o cuidado com o outro

Compartilhamos o ato de troca de massagens na Oficina de Expressão como forma de materializar a reflexão acerca do cuidado de si e do cuidado com os outros. Dividíamos os participantes em duplas, enquanto um recebia a massagem e experimentava a sensação de ser cuidado, o outro se experimentava no lugar de cuidador.

Para praticar adequadamente a liberdade, era necessário ocupar-se de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. [...] Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si. [...] O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse ethos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros. [...] Não se deve passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária. (FOUCAULT, 2004, p.268)

Luta Antimanicomial



A Oficina de Expressão se mobilizou para os preparativos do evento na cidade que comemora o Dia da Luta Antimanicomial. Pensamos juntos em ensaiar algum exercício que costumávamos fazer nas tardes de terça-feira para mostrarmos a todos, na praça da cidade, como acontece na oficina. Escolhemos o exercício que chamamos de "Escultura Viva".

Esse exercício é realizado em duplas. Enquanto um sugere o movimento, o outro se deixa ser manuseado pelo colega se transformando em uma escultura viva. A transformação do corpo em escultura propõe trabalharmos, de um lado, a atitude de conexão e entrega ao movimento que o colega está propondo; e de outro, a atitude de perceber o corpo do outro e sugerir novas posições.

Consigo sustentar essa posição por algum tempo? Quando desmancho a escultura como eu sinto o meu corpo?

Os participantes da oficina estavam muito receosos em fazer essa apresentação na praça pública. Propomos, então, ensaios na praça. A praça, assim como o cenário da cidade enquanto um todo, nos coloca em contato com uma sucessão de acasos e encontros que nos permite alguns descolamentos de papéis originais. O ensaio na praça, experimentar do olhar do outro que por ali está de passagem, transitar como um artista, um poeta, um bailarino.

No dia da apresentação estávamos todos afiados e nervosos. Convidamos a nossa platéia para vir ao palanque da praça conosco e experimentar o exercício unindo-se a nós. A adesão foi imensa e intensa.

A foto escolhida para ilustrar o dia em que ensaiamos na praça da cidade mostra as sombras dos usuários. Essa imagem nos remete às sombras do mito da caverna de Platão, inicialmente citado nas "pinceladas de história".

A Oficina de Expressão foi criada com a intenção fazer aflorar a criatividade, assim como despertar o apaziguamento de uma experiência que seria impensável na neurose: o sentimento de fragilidade, de despedaçamento ou de não configuração da imagem corporal existente na psicose. Contudo, para além da questão do sofrimento que acomete particularmente os psicóticos, proponho para o final desse texto a reflexão que traz Saramago ao falar sobre o contemporâneo, afirmando que nunca na existência humana fomos tão concretamente platônicos:

Nós nunca vivemos tanto na caverna de Platão como hoje. Hoje é que estamos a viver de fato na caverna de Platão. Porque as próprias imagens que nos mostram a realidade de alguma maneira substituem a realidade. Nós estamos no mundo ao que chamamos áudio-visual. E estamos

efetivamente a repetir a situação das pessoas aprisionadas ou atadas na caverna de Platão, olhando em frente, vendo sombras e acreditando que essas sombras são realidade. Foi preciso passar todos esses séculos para que a caverna de Platão aparecesse finalmente num momento da história da humanidade, que é hoje e vai ser cada vez mais.

(...)

Vivemos todos numa espécie de parque áudio-visual onde os sons se multiplicam, onde as imagens se multiplicam e onde nós (...) vamos cada vez mais a nos sentirmos perdidos. Perdidos em primeiro lugar de nós próprios e em segundo lugar perdidos na relação com o mundo. Acabamos a circular por aí sem saber muito bem nem o que somos, nem para que servimos, nem que sentido tem a existência³.

O fim, o começo, o entre, a seqüência, a passagem.

“No começo era o movimento. Não havia repouso porque não havia paragem do movimento. O repouso era apenas uma imagem demasiado vasta daquilo que se movia, uma imagem infinitamente fatigada que afrouxava o movimento. Crescia-se para repousar, misturavam-se os mapas, reunia-se o espaço, unificava-se o tempo num presente que parecia estar em toda parte, para sempre, ao mesmo tempo. Suspirava-se de alívio, pensava-se ter alcançado a imobilidade. Era possível enfim olhar a si próprio numa imagem apaziguadora de si e do mundo”. (José Gil, 2005)

³ Depoimento de Saramago em *Janelas da Alma* (Brasil, 2001, direção de João Jardim e Walter Carvalho).

O Véu

Teve um dia em que colocamos um tule de 10 metros a dançar com a gente. Encontramos na materialidade desse tule a visibilidade do entre que separa os corpos. A extensão do tecido promoveu maior intensidade nas conexões daqueles corpos que ali se experimentavam numa dança enlaçada naquela trama.

O tule foi chamado de véu e remeteu lembranças de casamentos. Em cada casamento uma história e uma promessa de união nem sempre vivida da forma como havia sido sonhada.

Ali, naquela experiência outra, o tule\véu estava sendo vivido numa dança que deixava de ser somente pessoal e passava a produzir com novos contornos, com novas conexões e uniões. Uma dança que produzia materialidade à magia do que ocorre entre os corpos. O entre. O véu da noiva. O estado de graça. A conexão. O indizível.

A partir do que chamei de “pinceladas de escrita” busquei dar materialidade de texto para as intensidades vividas na Oficina Terapêutica de Arte e Expressão. Nessa experiência do tule, assim como nos tantos outros acontecimentos, tivemos contato com aquilo de lindo e mágico. Algo que as palavras dificilmente alcançam forma para capturarem e descreverem o vivido.



REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COSTA, Luciano Bedin. *Estratégias Biográficas: Biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V). p. 267.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIACÓIA, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2001.

GIL, José. *Movimento Total*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NAFFAH, Alfredo. *O inconsciente como potencia subversiva*. São Paulo: Escuta, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *Assim falava Zaratustra*. Curitiba: Hemus, 2002.

SPINOZA. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TALLEMBERG, Cláudia. Fazendo da clínica uma oficina: modos de experimentação e produção social em saúde mental. In: *ACADEMUS: Revista Científica da Saúde*, v.4, n.1, p.18-38, jan/mar, 2005.

VILELA, Eugênia. À contraluz, o testemunho. Uma linguagem entre silêncio e corpo. In: COSTA, Luciano. FONSECA, Tania. *Vidas do Fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WINNICOTT, Donald. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.